

A influência de papéis sexuais estereotipados no projeto de vida de adolescentes de níveis socioeconômicos alto e baixo

Luciane de Rezende Bonamigo¹ e Sílvia Helena Koller²

Entre os fatores que influenciam a elaboração de um projeto de vida de pré-adolescentes estão os papéis sexuais que eles irão assumir na vida adulta e o atual modelo familiar. Este estudo buscou verificar a influência desses dois fatores no projeto de vida de 62 estudantes, entre 10 e 11 anos de idade, dos níveis socioeconômico alto e baixo. Utilizou-se uma entrevista semi-estruturada individual, com questões que focalizavam os seguintes aspectos: escolha profissional, cuidado da casa e dos filhos e trabalho da mulher fora de casa. Os dados obtidos permitiram verificar que existe uma reprodução de aspectos estereotipados sexualmente do atual modelo familiar, bem como diferenças de sexo e de nível socioeconômico na influência de papéis sexuais estereotipados nos projetos de vida desses pré-adolescentes. Os resultados são discutidos com base na necessidade de um distanciamento da estereotipia sexual, em busca de uma sociedade construída por indivíduos preocupados com o próprio desenvolvimento e não com a manutenção de padrões limitadores.

Palavras-chave: Papéis sexuais, estereótipos sexuais, projeto de vida

Abstract

Stereotyped sex-roles in preadolescents' life projects

Adult sex-roles and family models are two important factors that affect the building of preadolescents' life projects. The present study investigated the effects of these factors on the life projects of 62 middle school students, 10 to 11 years old, of high and low SES. The subjects were interviewed individually. They were probed about their professional choices, housework, child care, and jobs in general. The data showed that the subjects' thinking is sexually stereotyped, and that this thinking affects preadolescents' choices of life projects. Significant sex and SES differences were found. The results point to the need for an educational system that would increase critical thinking about sex-role in our society.

Key words: Sex-roles, sex-stereotypes, life project

Introdução

Em todas as culturas, até mesmo nas mais primitivas, observa-se uma diferenciação nas funções atribuídas aos homens e às mulheres. Essa dicotomia homem/mulher pode fundamentar-se, entre outros fatores, no fato de caber à mulher a função reprodutiva, tarefa na qual ela dispense um longo tempo de sua vida (Rosaldo & Lamphere, 1979; Beauvoir, 1980). Assim, atribuiu-se à mulher uma função mais passiva, cabendo a ela o exercício de atividades domésticas, que exigiam menor esforço físico, devido às limitações originárias da geração e

criação dos filhos. Essas funções tornaram-se secundárias no grupo social, enquanto as funções exercidas pelos homens, responsáveis pela manutenção do grupo familiar, foram mais valorizadas por serem dinâmicas e transformadoras (Rosaldo & Lamphere, 1979).

Com base nas diferentes funções exercidas pelos dois sexos, foram sendo consolidadas características determinadas a cada um. As mulheres foram tidas como dóceis, submissas, sensíveis, dependentes, pacientes, afetuosas; os homens, como

1. Estudante do curso de Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Bolsista do PET/CAPES.

2. Professora do Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

As autoras agradecem à Cristiane Szynewski, Renata Prosdoci, Francisco Heitor da Rosa e Cristina Lhullier pela colaboração na coleta e análise dos dados.

Endereço para correspondência: Av. Palmeiras, 756, CEP 90470-300, Porto Alegre, RS.

dominantes, fortes, agressivos, independentes, competitivos (Biaggio, 1981).

Essas características foram constituindo os papéis sexuais, definidos por Graciano (1978) como o conjunto de normas referentes a atitudes, valores, reações emocionais e comportamentos que são considerados apropriados a cada sexo, em uma cultura e momento histórico determinados.

Vinculados a cada papel sexual são estabelecidos estereótipos sexuais específicos, que influenciam o desenvolvimento individual, pois atuam como padrões do que significa ser homem ou mulher. Esses estereótipos são vitais para a sociedade, pois permitem a sua manutenção, através da personificação de acordos gerais de cooperação entre um grupo de pessoas. Apesar de esses estereótipos precisarem ser fortes o bastante para proporcionar essa cooperação, eles precisam ser flexíveis o suficiente para permitir o desenvolvimento individual (Money & Tucker, 1981).

No entanto, esse desenvolvimento, em geral, é parcialmente impedido, pois as pessoas são socializadas como homens ou mulheres, ou seja, desenvolvem certas partes da personalidade enquanto suprimem o desenvolvimento de outras que não se encaixam nos modelos sociais estereotipados (Steiner, 1976).

Segundo Prado (1979), com a crescente industrialização e urbanização vivenciadas no século XX, puderam ser constatadas modificações no papel da mulher, que passou a vender sua força de trabalho fora do lar. Contudo, o mercado de trabalho apresenta ainda uma delimitação bastante precisa entre os empregos femininos e masculinos, sendo que a “divisão das atividades por sexo é mantida rigidamente, tanto na horizontal, no nível dos setores de atividades, como na vertical, no nível de hierarquia piramidal” (Prado, 1979, p. 60 e 61).

Essas diferenças sexuais nas atividades profissionais são também citadas por outros autores, como Gaskell (1984), que afirma que as mulheres, em geral, escolhem carreiras que exigem o trato com pessoas, especialmente com crianças, ao contrário dos homens, que escolhem profissões ligadas à indústria, negócios e prestação de serviços. Saffioti (apud Lassance, Selbach & Bystronski, 1989) afirma

que as mulheres, em geral, concentram-se em atividades pertencentes à área da saúde e educação, ou seja, em profissões de ajuda, que exigem paciência e dedicação, características consideradas “naturais” para as mulheres. Além disso, as profissões femininas, em geral, têm um *status* mais baixo, são menos remuneradas e oferecem menos oportunidades de promoção do que as profissões masculinas (Gaskell, 1984), sendo consideradas secundárias na hierarquia da divisão do trabalho.

Assim, Bruschini (1979, p.6) acredita que “a emancipação da mulher, ocorrida nos últimos anos, constituiu uma vitória bastante parcial, na medida em que permitiu a ela o acesso a uma instrução mais elevada, porém desde que em áreas socialmente desprestigiadas ou desprezadas pelo sexo oposto”.

Lassance et. al. (1989) afirmam que, apesar de ser indiscutível que exista uma participação cada vez maior da mulher no mercado de trabalho, já que as mulheres vêm ocupando uma maior amplitude de cargos em um número maior de profissões, isso não significa que houve um rompimento com os padrões tradicionais, porque a mulher continua sendo a responsável pelo cuidado da casa e dos filhos. Esse fato provoca dificuldades no desempenho dos papéis de esposa/mãe e de profissional, fazendo com que, muitas vezes, a mulher tenha que abrir mão da atividade profissional quando essa torna-se incompatível com as atividades domésticas. Outra alternativa encontrada pela mulher é a redução da carga horária de trabalho ou a interrupção temporária da atividade profissional, soluções que sempre acabam por sacrificar a atividade profissional, ao invés de modificarem a organização doméstica (Lassance et. al., 1989).

A diferenciação entre o que significa ser homem ou mulher, responsável pela atribuição de diferentes papéis aos indivíduos e, conseqüentemente, pela colocação dos mesmos em diferentes posições na sociedade, começa a formar-se com a socialização da criança, logo após seu nascimento, e baseia-se na observação, treino, imitação, percepção e na própria experiência da criança. Para isso, a criança recebe influência de sua família e de quem quer que participe de suas relações mais próximas, sendo que, aos poucos, essa influência vai sendo

recebida dos mais amplos segmentos da sociedade, como a escola, os meios de comunicação etc. (Money & Tucker, 1981).

Segundo Biaggio (1981), os comportamentos apropriados ao sexo são aprendidos através da imitação e do reforçamento, sendo que a criança vai imitando comportamentos dos adultos significantes, recebendo reforços positivos quando esses são adequados ao seu sexo e sendo punida ou não recebendo reforços por comportamentos inadequados. Prado (1979) afirma que assim vai sendo estabelecido o conjunto de comportamentos de um indivíduo, pois a criança vai aprendendo a diferenciar os comportamentos e a perceber quais deles são os mais eficazes para a obtenção de aprovação, prestígio, afeição e atenção. Os meninos aprendem que serão aprovados demonstrando criatividade e independência, enquanto as meninas, demonstrando obediência e adaptabilidade às necessidades dos outros.

Esses padrões de comportamento masculinos e femininos são então aprendidos muito cedo pelas crianças, embora eles se tornem mais evidentes nos adolescentes e nos adultos (Biaggio, 1981). No entanto, chegando à adolescência, os indivíduos, apesar de conhecerem melhor os estereótipos sexuais, estão também mais conscientes das exceções e da relatividade cultural. Isso ocorre porque, na medida em que o pensamento do indivíduo vai se desenvolvendo, ele vai se tornando mais flexível e mais tolerante aos desvios nos estereótipos sexuais (Huston, 1982).

Apesar disso, considerando-se que a nossa cultura está impregnada de estereótipos sexuais, pressupõe-se que, na construção de um projeto de vida, sejam considerados os atributos e injunções característicos de uma cultura específica com relação à estereotípi sexual. Nesse sentido, Astin (apud Kahn & Lichty, 1987) afirma que as expectativas individuais diante da carreira são uma resposta para a precoce socialização de papéis sexuais assim como às influências ambientais e sociais mais tardias.

Neste estudo, pretendemos verificar como os papéis sexuais estereotipados e os modelos familiares de pré-adolescentes dos níveis socioeconômicos alto e baixo expressam-se e influenciam seus projetos de vida.

Método

Sujeitos

Foram entrevistados 62 pré-adolescentes, entre 10 e 11 anos de idade, sendo que 32 sujeitos eram provenientes do nível socioeconômico alto (17 meninas e 15 meninos) e 30 sujeitos, do nível socioeconômico baixo (15 meninos e 15 meninas).

Instrumento

O instrumento utilizado consistiu em uma entrevista semi-estruturada, oral e individual, baseada em questões sobre o projeto de vida profissional e familiar e sobre o atual modelo familiar do sujeito, acrescida de alguns dados pessoais do mesmo.

As entrevistas foram realizadas individualmente, sendo gravadas e transcritas posteriormente.

Roteiro de entrevista:

A) *Dados pessoais do sujeito:*

Idade, escolaridade, profissão do pai e da mãe, número de irmãos, estado civil dos pais, com quem reside o pré-adolescente.

B) *Entrevista semi-estruturada:*

1 - O que você vai fazer quando crescer? Por quê?

A resposta a essa pergunta direcionava o entrevistador para o conjunto de perguntas sobre o projeto de vida familiar ou sobre o projeto de vida profissional. Após serem feitas as perguntas referentes ao conjunto adequado à primeira resposta do sujeito, eram feitas as perguntas de ligação que levavam ao outro conjunto de perguntas.

Conjunto de perguntas sobre o projeto de vida profissional:

2 - Você acha que os homens e as mulheres devem trabalhar fora de casa? Por quê?

3 - Como é na sua casa? Seus pais trabalham fora?

Pergunta de ligação: Você quer se casar?

Conjunto de perguntas sobre projeto de vida familiar:

2 - Você quer ter filhos? Quem vai cuidá-los? Por quê?

3 - Como vai ser em sua casa? Quem vai arrumar a casa?

4 - Como é na sua casa? Quem cuida de você? E da casa?

Pergunta de ligação: Você pretende trabalhar quando crescer? O que você quer fazer? Por quê?

A última pergunta diferia para meninos e meninas.

A pergunta feita aos meninos era:

Você gostaria que sua mulher trabalhasse fora de casa? Por quê?

A pergunta feita às meninas era:

Você acha que seu marido gostaria que você trabalhasse fora de casa? Por quê?

Resultados

A partir dos dados coletados, foi feita uma análise do conteúdo das entrevistas, com a categorização das respostas dos sujeitos. Prosseguiu-se um levantamento da frequência das respostas, visando analisar as frequências e possíveis semelhanças ou diferenças entre os grupos.

A primeira parte da análise do conteúdo foi chamada de “horizontal”, ou seja, foi realizado um levantamento das respostas dos sujeitos, de acordo com o sexo e o nível socioeconômico, para cada questão apresentada.

A segunda parte da análise do conteúdo foi chamada de “vertical”, em que se trabalhou com cada entrevista individualmente, buscando verificar a influência de papéis sexuais estereotipados e a existência ou não de reproduções do modelo familiar no projeto de vida dos pré-adolescentes.

Para maior clareza, legendaram-se os quatro grupos da seguinte maneira:

MA - Meninas, nível socioeconômico alto

HA - Meninos, nível socioeconômico alto

MB - Meninas, nível socioeconômico baixo

HB - Meninos, nível socioeconômico baixo

Análise horizontal

Na questão “O que você vai fazer quando crescer? Por quê?”, todos os sujeitos fizeram uma escolha profissional, sendo que nenhum deles mencionou qualquer tipo de escolha pela vida familiar. Procedeu-se então a 1ª etapa da entrevista, com o conjunto de questões sobre o projeto de vida profissional.

Algumas profissões foram escolhidas apenas por sujeitos do nível socioeconômico alto, como bibliotecária (MA-1), agrônomo (HA-1), biólogo (HA-1), oceanólogo (HA-1), arquiteto (HA-2), astrônomo (HA-1), representante comercial (HA-1)

e escritor (HA-1). Outras profissões, como militar (HB-3), operador de máquinas (HB-1), piloto (HB-1), contabilista (HB-1), trabalho na área de computação (HB-1), modelo fotográfico (MB-2), jornalista (MB-2), telefonista (MB-1), estilista (MB-1), aeromoça (MB-1) e bancário(a) (MB-1 e HB-1), apareceram apenas entre sujeitos de nível socioeconômico baixo.

Algumas profissões foram escolhidas apenas por meninos, como agrônomo (HA-1), biólogo (HA-1), oceanólogo (HA-1), arquiteto (HA-2), astrônomo (HA-1), escritor (HA-1), representante comercial (HA-1), para os meninos de nível socioeconômico alto, e militar (HB-3), contabilista (HB-1), operador de máquinas (HB-1), trabalho na área da computação (HB-1) e piloto (HB-1), para os meninos de nível socioeconômico baixo. A profissão de engenheiro apareceu também apenas entre meninos, tanto no nível socioeconômico baixo (HB-3) como no nível socioeconômico alto (HA-3). Outras profissões foram escolhidas apenas por meninas, como bibliotecária (MA-1), por meninas de nível socioeconômico alto, e telefonista (MB-1), modelo fotográfico (MB-2), jornalista (MB-2), estilista (MB-1) e aeromoça (MB-1), por meninas de nível socioeconômico baixo. A profissão de dentista foi escolhida por meninas de ambos os grupos (MA-3 e MB-1).

A profissão de médico(a) foi a única escolhida por sujeitos de ambos os sexos nos dois níveis socioeconômico (MA-7, HA-4, MB-2 e HB-2). Outras profissões escolhidas foram professora (MA-4 e MB-4), professor universitário (HA-2), veterinária(o) (MA-2, MB-1 e HB-2), advogada(o) (MA-1, HA-1 e HB-1), cantor(a) (HA-1 e MB-1), jogador de futebol (HA-1 e HB-1) e jogadora de basquete (MB-1).

As razões atribuídas para essas escolhas profissionais foram o gosto pela profissão (MA-16, HA-15, MB-11 e HB-11), a facilidade em exercê-la, por estar seguindo a profissão do pai (HA-1), e o fator monetário (HA-1). Apenas um sujeito (MB) não soube dizer qual o motivo da sua escolha profissional.

Além dessas razões, alguns sujeitos disseram ter escolhido uma determinada profissão para seguir

um modelo relevante. A tabela 1 mostra os modelos relevantes citados pelos pré-adolescentes.

Tabela 1 - Modelos relevantes na escolha profissional

Modelos relevantes	MA	HA	MB	HB	TOTAL
Mãe	2	1	2	0	5
Pai	3	7	0	4	14
Tio	0	0	0	1	1
Professora	0	0	1	0	1

Observa-se que, no nível socioeconômico alto, aparecem apenas os pais como modelos relevantes. Já no nível socioeconômico baixo aparecem outros modelos relevantes que não os respectivos pais, mas todos esses modelos são do mesmo gênero que os sujeitos, ao contrário do que aparece no nível socioeconômico alto, em que três meninas escolhem o pai como modelo relevante e um menino escolhe a mãe.

As respostas à questão que buscava saber se os pré-adolescentes acham que “Os homens e as mulheres devem trabalhar fora de casa?” encontram-se na tabela 2.

Tabela 2 - Opinião dos pré-adolescentes a respeito do trabalho de homens e de mulheres fora de casa

Homens e mulheres devem trabalhar fora?	MA	HA	MB	HB	TOTAL
Sim	16	12	9	6	43
Não	0	0	2	4	6
Depende	1	3	1	3	8
Sem resposta	0	0	3	2	5

Observa-se que as respostas negativas aparecem apenas entre sujeitos de nível socioeconômico baixo. As justificativas atribuídas para essas respostas estão associadas a problemas domésticos causados pelo trabalho da mulher fora de casa, como o cuidado da casa e dos filhos (MB-2 e HB-4). Já as respostas afirmativas aparecem, na sua maioria, nos sujeitos do nível socioeconômico alto. Na tabela 3, encontram-se as justificativas atribuídas pelos sujeitos para as respostas afirmativas.

Observa-se que a justificativa mais comum para o trabalho de homens e de mulheres fora de casa, independente de sexo e de nível socioeconômico, é a necessidade econômica.

Tabela 3 - Justificativa para os homens e as mulheres trabalharem fora de casa

Justificativa	MA	HA	MB	HB	TOTAL
Igualdade de direitos	6	4	3	2	15
Monotonia em ficar em casa	3	3	0	3	9
Necessidade econômica	8	5	7	3	23
Realização profissional	1	0	0	0	1
Necessidade de produzir	0	1	0	1	2
Melhora no relacionamento do casal	1	0	0	0	1
O fato de ser comum trabalhar fora	0	0	1	0	1

Entre os sujeitos que responderam “depende”, alguns afirmaram que a escolha com relação ao trabalho fora de casa deve ser de livre arbítrio da pessoa (MA-1, HA-2, MB-1 e HB-2); um menino (HA) afirmou que, para as mulheres trabalharem fora de casa, deve haver alguém para cuidar dos filhos; e outro menino (HB) disse que a mulher só deve trabalhar fora se isso for necessário para o casal.

As respostas à questão “Como é em sua casa? Seus pais trabalham fora?”, que revelam o modelo familiar dos sujeitos, encontram-se na tabela 4.

Tabela 4 - Modelo familiar dos pré-adolescentes quanto ao trabalho fora de casa

Quem trabalha fora na sua casa?	MA	HA	MB	HB	TOTAL
Só o pai trabalha	10	4	7	9	30
Só a mãe trabalha	0	0	2	2	4
Ambos trabalham	8	11	8	5	32

Dos quatro sujeitos que afirmaram que só a mãe trabalhava fora de casa, três tinham pais separados, não sabendo informar sobre o trabalho do pai (MB-1 e HB-2), e um (MB-1) tinha a mãe viúva.

A 2ª etapa de entrevista, que abordava as questões sobre o projeto de vida familiar, iniciou com a questão "Você quer se casar?".

Três sujeitos (MB-2 e HB-1) afirmaram que não querem casar e outros três sujeitos (HA-1 e HB-2) afirmaram que não sabem ainda se querem ou não se casar. Os demais sujeitos responderam afirmativamente à questão (MA-17, HA-14, MB-13 e HB-12).

As respostas negativas a essa questão referem-se a fatos como: ser chato (HB-1), aumentar os gastos financeiros (HB-1), não poder divertir-se (MB-1) e falta de vontade (MB-1).

Com relação ao desejo de ter filhos, os sujeitos responderam afirmativamente na maioria dos casos (MA-16, HA-14, MB-14, HB-15), embora uma menina de nível socioeconômico baixo tenha dito que não deseja ter filhos e dois sujeitos de nível socioeconômico alto (MA-1 e HA-1) tenham imposto a condição de quem cuidará dessas crianças.

As respostas obtidas na questão referente ao responsável pelo cuidado dos filhos desses pré-adolescentes no futuro encontram-se na tabela 5.

Tabela 5 - Responsável pelo cuidado dos filhos destes pré-adolescentes no futuro

Quem vai cuidar dos seus filhos?	MA	HA	MB	HB	TOTAL
Empregada	5	5	2	1	13
Mãe	8	4	6	6	24
Pai	0	0	0	1	1
Pai e mãe	6	8	2	6	22
Parentes (avós ou tios)	2	1	0	3	6
Creche	0	0	4	1	5
Sem resposta	0	0	1	0	1

As respostas que indicam por quem os próprios pré-adolescentes são cuidados encontram-se na tabela 6.

Tabela 6 - Responsável pelo cuidado destes pré-adolescentes atualmente

Quem cuida de você na sua casa?	MA	HA	MB	HB	TOTAL
Mãe	6	7	3	6	22
Pai	0	0	1	0	1
Pai e mãe	6	4	1	3	14
Empregados	5	9	1	1	16
Parentes	2	0	3	2	7
Irmãos mais velhos	2	0	1	1	4
Vizinhos	0	0	0	1	1
Cuidam-se sozinhos	1	2	4	0	7
Sem resposta	2	0	2	5	9

As respostas obtidas na questão "Como vai ser na sua casa? Quem vai arrumá-la?" encontram-se na tabela 7.

Tabela 7 - Responsável pelo cuidado da casa destes pré-adolescentes no futuro

Quem vai cuidar da sua casa?	MA	HA	MB	HB	TOTAL
Esposa	7	3	6	7	23
Empregados	13	10	4	1	28
Esposo e esposa	2	6	1	8	17
Não sei	0	0	4	0	4

As respostas referentes ao responsável pelo cuidado da casa onde moram atualmente os pré-adolescentes encontram-se na tabela 8.

Tabela 8 - Responsável pelo cuidado da casa destes pré-adolescentes atualmente

Quem cuida da sua casa atualmente?	MA	HA	MB	HB	TOTAL
Mãe	6	8	5	6	25
Pai	1	1	0	0	2
Pai e mãe	2	1	1	5	9
Toda família	0	2	1	1	4
Filhos(as)	2	0	3	0	5
Parentes	1	0	2	4	7
Empregados	12	7	1	0	20
Sem resposta	2	0	2	1	5

A última questão apresentada aos sujeitos diferiu para meninos e meninas.

Para os meninos perguntou-se “Você gostaria que sua mulher trabalhasse fora? Por quê?”.

Dez meninos de nível socioeconômico alto responderam afirmativamente à essa questão (oito por motivos econômicos, um por desejar que sua mulher seja ativa e um por achar que ficar em casa é monótono para a mulher); quatro meninos responderam condicionalmente, por acharem que essa é uma questão de livre arbítrio da mulher (HA-2) e por acharem que alguém tem que cuidar dos filhos e da casa (HA-2) e um menino respondeu negativamente, justificando que sua mulher deve cuidar da casa e dos filhos.

No nível socioeconômico baixo, cinco meninos responderam afirmativamente, justificando tal fato porque a mulher tem direitos iguais aos dos homens (HB-1) e por necessidades econômicas (HB-4); sete meninos responderam negativamente à questão, justificando que as suas mulheres devem cuidar da casa e dos filhos; dois meninos condicionaram suas respostas, justificando que a decisão de trabalhar fora deveria ser uma escolha da própria mulher (HB-1) e que alguém deve cuidar dos filhos para que a mulher possa trabalhar fora (HB-1); e um menino não respondeu essa pergunta.

Para as meninas perguntou-se “Você acha que seu marido gostaria que você trabalhasse fora? Por quê?”.

As respostas afirmativas representam a maioria (MA-9 e MB-12), sendo que as razões atribuídas foram: igualdade de direitos (MB-3), necessidade econômica (MA-4 e MB-7), independência financeira (MA-2), não ter uma vida monótona (MA-2), trabalho é bom para a mulher (MA-2), ter uma profissão bem aceita (MB-1). Uma menina (MB-1) não justificou sua resposta.

Três meninas de nível socioeconômico alto disseram que, apesar de não saberem se o marido gostaria ou não que elas trabalhassem fora, elas trabalhariam do mesmo jeito; quatro meninas condicionaram suas respostas (MA-3 e MB-1), atribuindo razões como: ter filhos pequenos para cuidar (MA-1 e MB-1), ser uma decisão do casal (MA-1) e depender do trabalho do marido (MA-1); duas meninas (MA-1 e MB-1) afirmaram que seus futuros maridos não gostariam que elas trabalhassem fora para que cuidassem dos filhos e da casa; uma menina declarou não saber (MB-1); e outra menina (MA-1) não respondeu à pergunta.

Análise vertical

Após a análise horizontal, foi feita a análise vertical. Através dela foi possível verificar que nem todos os sujeitos possuíam um projeto de vida estereotipado nos três aspectos considerados (cuidado da casa, cuidado dos filhos e trabalho da mulher fora de casa). Assim, preferimos trabalhar com esses aspectos em separado, buscando ver como os estereótipos sexuais influenciavam em cada um deles.

Consideramos as respostas dos sujeitos estereotipadas quando caracterizavam-se por identificar o papel feminino com o cuidado da casa e dos filhos e por não permitir o trabalho da mulher fora de casa. Já as respostas não estereotipadas foram aquelas que não aceitavam os padrões restritivos vigentes, permitindo o trabalho da mulher fora de casa e não considerando o cuidado da casa e dos filhos como responsabilidade única ou primária da mulher.

Tabela 9 - Percentual de respostas não-estereotipadas e estereotipadas sexualmente no projeto de vida dos pré-adolescentes, de acordo com o nível socioeconômico dos mesmos

NSE		Cuidado dos filhos	Cuidado da casa	Trabalho da mulher fora de casa
Alto	Não-estereotipado	59%	69%	97%
	Estereotipado	41%	31%	3%
Baixo	Não-estereotipado	68%	48%	72%
	Estereotipado	32%	52%	28%

A tabela 9 mostra a influência da estereotipia sexual nos três aspectos considerados, de acordo com o nível socioeconômico (NSE) dos sujeitos.

Observa-se que o nível socioeconômico alto apresentou menos respostas estereotipadas do que o nível socioeconômico baixo com relação ao trabalho da mulher fora de casa e ao cuidado da casa, mas foi mais estereotipado com relação ao cuidado dos filhos.

A tabela 10 mostra a influência da estereotipia sexual no projeto de vida dos pré-adolescentes nos três aspectos considerados, de acordo com o sexo dos sujeitos.

Observa-se que as meninas apresentaram mais respostas estereotipadas do que os meninos com relação ao cuidado da casa e dos filhos, apesar de terem menos respostas estereotipadas com relação ao trabalho da mulher fora de casa.

A análise vertical também permitiu verificar que praticamente todos os sujeitos que atribuíram respostas estereotipadas para algum desses aspectos

tinham um modelo familiar também estereotipado nesse mesmo aspecto, de modo que esse modelo era reproduzido nos seus projetos de vida.

Através da análise foi possível identificar quatro formas diferentes de influência da estereotipia sexual no projeto de vida desses pré-adolescentes, que são descritas e exemplificadas a seguir.

1) Alguns sujeitos mostraram-se bastante livres da influência dos estereótipos sexuais na elaboração dos seus projetos de vida, permitindo o trabalho da mulher fora de casa e dividindo a responsabilidade pelo cuidado da casa e dos filhos.

- *"Você acha que homens e mulheres devem trabalhar fora de casa?"*

- *"Devem, é um direito de qualquer um, indiferente do sexo".* (menino, nível socioeconômico alto)

- *"Quem vai cuidar dos seus filhos?"*

- *"O pai e a mãe. Os dois devem decidir se querem ter filhos e os dois devem cuidar, pois o filho é dos dois e eles devem dividir a responsabilidade".* (menina, nível socioeconômico alto)

Tabela 10 - Percentual de respostas não-estereotipadas e estereotipadas sexualmente no projeto de vida dos pré-adolescentes, de acordo com o sexo dos mesmos

SEXO		Cuidado dos filhos	Cuidado da casa	Trabalho da mulher fora de casa
Masculino	Não-estereotipado	67%	63%	78%
	Estereotipado	33%	37%	22%
Feminino	Não-estereotipado	60%	55%	93%
	Estereotipado	40%	45%	7%

- "*Quem vai cuidar da sua casa? Quem vai arrumá-la?*"

- "*Os dois. Quando eu tiver um tempo, eu vou e arrumo o que eu posso, quando a minha mulher tiver um tempo, ela faz*". (menino, nível socioeconômico alto)

- "*Você gostaria que a sua mulher trabalhasse fora de casa?*"

- "*Sim, porque eu quero que ela também trabalhe, pra ajudar em casa, porque a gente vai dividir tudo*". (menino, nível socioeconômico alto)

2) Alguns sujeitos afirmaram que tanto o homem como a mulher devem ajudar no cuidado da casa e dos filhos, mas a responsabilidade primária deveria ser de uma mulher.

- "*Quem vai cuidar dos filhos?*"

- "*A mulher ou a empregada. Eu também, mas não tanto porque vou passar o dia trabalhando fora*". (menino, nível socioeconômico alto)

- "*Quem vai cuidar da sua casa?*"

- "*Eu também vou ajudar, mas vai ser mais a minha mulher*". (menino, nível socioeconômico baixo)

3) Alguns sujeitos demonstraram sofrer a influência da estereotipia sexual na elaboração dos seus projetos de vida, acreditando que as mulheres não devem trabalhar fora de casa e que o cuidado da casa e dos filhos é uma responsabilidade feminina.

- "*Você acha que homens e mulheres devem trabalhar fora de casa?*"

- "*Não, porque elas têm que cuidar dos filhos*". (menina, nível socioeconômico baixo)

- "*Nenhuma mulher casada deve trabalhar fora. Dá muito serviço para nós. As mulheres é que sabem fazer mamadeira, cuidar do nenê, e os homens não*". (menino, nível socioeconômico baixo)

- "*Quem vai cuidar da sua casa?*"

- "*A mulher, porque eu acho que para arrumar as coisas a mulher é melhor do que o homem*". (menina, nível socioeconômico alto)

- "*A mulher é a dona de casa e o homem tem que trabalhar*". (menino, nível socioeconômico baixo)

- "*Você gostaria que a sua mulher trabalhasse fora?*"

- "*Não, gostaria que ela só ficasse em casa, para cuidar*". (menino, nível socioeconômico baixo)

4) Alguns sujeitos pareciam estar livres da influência da estereotipia sexual, dando permissão para o trabalho da mulher fora de casa, mas acabaram contradizendo-se ou demonstrando um conflito devido à essa permissão. Desse modo, acabaram impondo restrições, como o trabalho da mulher em apenas um turno ou em profissões que não "exigem" muito tempo.

- "*Você gostaria que a sua mulher trabalhasse fora?*"

- "*Se a gente tiver filhos, ela não pode trabalhar sempre, como médico, que sai a toda hora. Se ela tiver uma profissão com horário fixo para sair e voltar, é até bom que ela trabalhe*". (menino, nível socioeconômico alto)

- "*A mulher pode trabalhar num turno e cuidar dos filhos no outro*". (menino, nível socioeconômico alto)

- "*Você acha que homens e mulheres devem trabalhar fora de casa?*"

- "*Acho, só trabalhar em casa cansa*".

- "*E você gostaria que a sua mulher trabalhasse fora?*"

- "*Não sei, aí eu acho que não. A mulher deve ficar em casa para cuidar da casa e dos filhos. Eu não quero que os filhos fiquem com babás. Nas outras casas tudo bem, mas não na minha*". (menino, nível socioeconômico alto)

Discussão

A partir dos resultados obtidos, foi possível verificar que o projeto de vida dos pré-adolescentes sofre a influência de papéis sexuais estereotipados, reproduzidos, muitas vezes, do atual modelo familiar. Além disso, foi possível verificar algumas diferenças sexuais e de nível socioeconômico entre os sujeitos.

Com relação à escolha profissional dos pré-adolescentes, observa-se a existência de diferenças sexuais. Algumas das profissões escolhidas pelas

meninas envolvem o trato com pessoas e crianças e estão ligadas à área da saúde e educação (como professora, médica, dentista), concordando com Gaskell (1984) e Saffioti (apud Lassance et al., 1989). Da mesma forma, algumas das profissões escolhidas pelos meninos estão ligadas à área dos negócios (representante comercial, contabilista) e prestação de serviços (advogado, arquiteto, engenheiro etc.) e são bem remuneradas, têm alto *status* e oferecem boas oportunidades de promoção (médico, advogado, arquiteto, engenheiro), também concordando com Gaskell (1984).

No entanto, observa-se que algumas meninas escolheram profissões como médico, dentista e advogado, que normalmente são bem remuneradas, têm um *status* alto e oferecem oportunidades de promoção características essas mais presentes nas profissões masculinas, segundo Gaskell (1984). Tal fato parece indicar que algumas meninas já não estão mais aceitando os padrões tradicionais com relação à escolha profissional, que as colocam em posições menos valorizadas, e estão buscando profissões mais prestigiadas pela sociedade.

Não houve, entretanto, nenhum menino que escolheu uma profissão tradicionalmente exercida por mulheres, como a enfermagem ou pedagogia. Dois meninos manifestaram o desejo de serem professores, mas estavam referindo-se a professores universitários, seguindo o modelo dos pais que lecionavam em universidades. Nesse caso, a escolha profissional desses dois sujeitos não havia sido feita numa área tida como predominantemente feminina, como é o caso da ocupação de professora do 1º grau ou de pré-escola.

O fato de as mulheres escolherem profissões tradicionalmente masculinas é mais aceitável na sociedade atual do que o fato de os meninos escolherem profissões tradicionalmente femininas, o que acaba dando mais oportunidades de escolha profissional para as mulheres do que para os homens. Uma das razões para isso, segundo D'Amorin (1988), é que a atividade profissional feminina exige um certo componente de competência, estando fortemente ligada às atividades consideradas masculinas. Outra razão é que, apesar de a sociedade ainda identificar o papel da mulher com o cuidado da casa e dos filhos, ela

também reivindica, segundo Lassance et al. (1989, p.41), o papel de “mulher trabalhadora, independente financeiramente, dinâmica, agressiva e principalmente produtiva”.

É menos comum, no entanto, os homens escolherem profissões tradicionalmente femininas, já que essas criam um conflito com o papel masculino de provedor da família. Como as profissões femininas são normalmente menos remuneradas do que as masculinas, os homens não escolhem, segundo Hayes (1986), profissões geralmente exercidas por mulheres para evitarem a perda de *status* e poder dentro da família, o fato de ganhar menos do que a esposa e serem subordinados a elas, e a própria discriminação da sociedade. Outra razão para os homens evitarem as profissões femininas pode ser o fato de haver mais pressão social sobre os homens do que sobre as mulheres para que eles evitem interesses ou atividades apropriados ao sexo oposto (Maccoby e Jacklin, 1974).

No entanto, apesar de haver mais possibilidades de escolha profissional para as mulheres, não se pode esquecer que elas continuam ainda sendo discriminadas no mercado de trabalho, recebendo menos do que os homens (Kiger, 1984) e tendo que ter mais habilidades e inteligência para obter o mesmo nível de sucesso do que os homens (Keys, 1985; Gouveia, 1980).

Com relação às diferenças de nível socioeconômico, observa-se que apenas 44,4% das profissões escolhidas por sujeitos do nível socioeconômico baixo exigiam um curso superior, enquanto 78,6% das profissões citadas por sujeitos do nível socioeconômico alto exigiam o mesmo, o que pode ser explicado provavelmente pela maior dificuldade que os sujeitos do nível socioeconômico baixo encontram para alcançar um curso superior. Apesar disso, foram escolhidas também profissões que exigem formação superior entre os sujeitos de nível socioeconômico baixo, o que parece indicar o desejo da ascensão social desses sujeitos.

Com relação às razões atribuídas à escolha profissional, os resultados demonstram que a maior parte das crianças escolhe profissões das quais gostam, mas outros fatores também são colocados, como a facilidade em exercer a função por estar

continuando o trabalho do pai e o fato de a profissão escolhida ser bem remunerada. Os resultados também demonstram a importância dos modelos relevantes nessa escolha. Uma menina citou a professora como influência na sua escolha profissional, o que concorda com Dick e Rallis (1991), que afirmam que as professoras influenciam mais na escolha de carreiras das meninas do que na dos meninos. Os demais modelos relevantes pertenciam à família dos sujeitos, sendo que, no caso dos pré-adolescentes de nível socioeconômico alto, os modelos relevantes eram os próprios pais dos pré-adolescentes, e, nos sujeitos de nível socioeconômico baixo, além dos pais, aparece um tio como modelo relevante. Segundo Whitaker (1985), isso pode ser explicado porque as influências familiares são poderosas na definição da carreira pelos jovens.

Com relação ao fato de homens e mulheres trabalharem fora de casa, a existência de mais respostas afirmativas entre as meninas parece confirmar o fato de que os meninos são mais conservadores e tradicionais com relação ao papel da mulher do que as meninas, concordando com Furnham e Gunter (1988).

O fato de o nível socioeconômico baixo ser também mais conservador com relação ao papel da mulher concorda com Biaggio (1981), que afirma que nesse nível socioeconômico há menos permissividade para a violação dos padrões tradicionais com relação ao papel masculino e feminino, sendo que os modelos masculinos e femininos são mais estereotipados na classe baixa.

As justificativas para as respostas afirmativas com relação ao trabalho da mulher fora de casa baseiam-se, principalmente, na necessidade econômica, concordando com Batista (1984), que relata que a razão mais evocada para a mulher trabalhar fora de casa é de ordem econômica. Já justificativas para as respostas negativas demonstram que ainda existe um conflito entre o papel da mulher como esposa e mãe e o seu papel como profissional, concordando com Anyon (1984).

Quando foram verificadas as diferenças de nível socioeconômico na presença da estereotipia sexual no projeto e vida dos pré-adolescentes, obteve-se que os sujeitos de nível socioeconômico

baixo são mais estereotipados com relação ao trabalho da mulher fora de casa e com o cuidado da casa. Uma das razões para o nível socioeconômico baixo ser mais estereotipado do que o nível socioeconômico alto nesses aspectos pode ser devido “à maior clareza dos papéis sexuais, menos permissividade para com a violação desses padrões, e modelos femininos e masculinos mais estereotipados que apresentam os pais de classe baixa” (Biaggio, 1981, p. 244). Segundo essa autora, os pais de classe baixa normalmente trabalham em ocupações que envolvem o trabalho pesado enquanto as mães restringem-se ao cuidado da casa e dos filhos ou ao trabalho em ocupações que envolvem o cozinhar, lavar roupas, costurar, o que reforça a diferenciação entre os modelos masculinos e femininos nesse nível socioeconômico.

Esse fato pode também ser explicado pela maior possibilidade que os sujeitos do nível socioeconômico alto têm de contratar um empregado para ficar responsável pelo trabalho doméstico. Isso concorda também com as respostas a respeito de quem cuidará da casa desses pré-adolescentes no futuro, nas quais mais sujeitos de nível socioeconômico alto citaram a empregada. Já no nível socioeconômico baixo, como é mais difícil pagar alguém para assumir as responsabilidades pelo cuidado da casa, os sujeitos acabaram dando respostas mais estereotipadas, afirmando que a mulher não deveria trabalhar fora e deveria ficar cuidando da casa.

O mesmo poderia ocorrer com o cuidado dos filhos, já que os sujeitos do nível socioeconômico alto teriam mais condições econômicas para contratar uma babá ou empregada. No entanto, alguns sujeitos do nível socioeconômico alto relataram não querer deixar os filhos com um empregado, por medo de seqüestro ou desconfiança. Assim, o cuidado dos filhos passou a ser responsabilidade da mulher, havendo mais respostas estereotipadas no nível socioeconômico alto. Já os sujeitos do nível socioeconômico baixo citaram muitas vezes a creche ou os parentes (tios, avós) como responsáveis pelo cuidado dos filhos, sendo que a mulher não precisava preocupar-se com isso, havendo então menos respostas estereotipadas.

Com relação às diferenças de sexo na presença da estereotipia sexual no projeto de vida dos pré-adolescentes, verificou-se que as meninas são mais estereotipadas do que os meninos com relação ao cuidado da casa e dos filhos, apesar de não o serem com relação ao trabalho da mulher fora de casa. Esse fato parece indicar que as meninas já incorporaram os modelos transmitidos pela sociedade de que o trabalho doméstico e a criação dos filhos é uma responsabilidade feminina. Apesar disso, elas não deixam de lado a vontade ou necessidade de também trabalhar fora de casa (já que apresentaram menos respostas estereotipadas com relação ao trabalho da mulher), mas provavelmente acabarão tendo que sacrificar, de algum modo, as suas atividades profissionais para conseguirem conciliar o papel de esposa e de mãe com o papel de profissional.

Independente de sexo e de nível socioeconômico, podemos observar nas tabelas 9 e 10 que há mais respostas estereotipadas com relação ao cuidado da casa e dos filhos do que com relação ao trabalho da mulher fora de casa. Isso parece indicar que a mulher vem participando cada vez mais do mercado de trabalho, seja por igualdade de direitos ou por necessidade econômica. No entanto, isso não significa que houve uma ruptura com os modelos tradicionais, pois o cuidado da casa e dos filhos continua sendo uma responsabilidade primariamente feminina.

O fato de que os sujeitos que apresentavam respostas estereotipadas em um determinado aspecto (trabalho da mulher fora de casa, cuidado da casa e cuidado dos filhos) tinham um modelo familiar também estereotipado nesse aspecto sugere que a família seja realmente uma das mais importantes transmissoras dos padrões de estereotipia sexual, sendo necessária uma modificação na mesma para que esses modelos estereotipados possam ser substituídos por modelos não estereotipados.

Conclusão

Observa-se que o projeto de vida desses pré-adolescentes apresenta ainda alguns aspectos estereotipados sexualmente. É muito provável que os

estereótipos sexuais que estão influenciando o projeto de vida desses pré-adolescentes acabem por prejudicar, de alguma forma, seu desenvolvimento, já que lhes tiram certas opções para garantir a manutenção de determinados padrões tradicionais. Isso pode ser observado, por exemplo, com relação ao papel da mulher - já que o cuidado da casa e dos filhos ainda é visto por muitos pré-adolescentes como responsabilidade feminina, o que faz com que a mulher, muitas vezes, tenha que sacrificar o seu desempenho profissional (seja trabalhando apenas um turno, seja escolhendo uma profissão que exija menos responsabilidade ou seja deixando de trabalhar) para manter padrões de conduta estereotipados sexualmente - ou com relação à escolha profissional dos meninos, que é mais restrita do que a das meninas.

Entretanto, além da existência desses estereótipos, que prejudicam o desenvolvimento individual, é preocupante o fato de eles geralmente serem considerados "naturais" e, portanto, corretos e imutáveis, o que faz com que a sociedade transmita-os para as demais gerações sem questionar a sua validade. Assim, parece ser necessário que a sociedade primeiramente conscientize-se de que os estereótipos sexuais são criados por ela mesma e podem ser modificados. Isso não significa negar as diferenças entre os sexos, que existem e devem ser respeitadas, mas apenas as conseqüências prejudiciais que decorrem, muitas vezes, dessas diferenças.

Após tomar consciência do caráter mutável dos estereótipos sexuais, a sociedade deve então modificar o seu próprio comportamento, eliminando suas crenças e atitudes estereotipadas, transmitindo às futuras gerações modelos alternativos de crenças e valores, que não os baseados nos tradicionais estereótipos sexuais. Somente com a desmistificação dos papéis sexuais, tanto em nível familiar como profissional, as crianças poderão desenvolver seus verdadeiros potenciais, sem terem que se preocupar com a manutenção de padrões estereotipados, que produzem preconceitos e barreiras sociais, afetando o desenvolvimento psicológico e social dos indivíduos.

Referências

- ANYON, J. (1984) Intersection of gender and class: Accommodation and resistance by working-class and affluent females to contradictory sex-role ideologies. *Journal of Education*, 166(1): 25-48.
- BATISTA, S.M. (1984) Maternidade e exercício profissional. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 36(1): 45-58.
- BEAUVOIR, S. (1980) *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- BIAGGIO, A.M.B. (1981) *Psicologia do desenvolvimento*. Petrópolis: Vozes.
- BRUSCHINI, M.C.A. (1979) Mulher e trabalho: engenheiras, enfermeiras e professoras. *Cadernos de Pesquisa*, 27: 5-17.
- D'AMORIM, M.A. (1988) Estereótipos de gênero em universitários. *Psicologia: reflexão e crítica*, 3(1/2): 3-11.
- DICK, T. & RALLIS, S. (1991) Factors and influences on high school student's career choices. *Journal for Research in Mathematics Education*, 22(4): 281-292.
- FURNHAM, A. & GUNTER, B. (1988) Adolescents' attitudes to the role of women. *Educational Studies*, 14(1): 33-42.
- GASKELL, J. (1984) Gender and course choice: The orientations of male and female students. *Journal of Education*, 166(1): 89-102.
- GOUVEIA, A.J. (1980) Origem social, escolaridade e ocupação. *Cadernos de Pesquisa*, 32: 3-30.
- GRACIANO, M. (1978) Aquisição de papéis sexuais na infância. *Cadernos de Pesquisa*, 25: 29-44.
- HAYES, R. (1986) Men's decisions to enter or avoid nontraditional occupations. *The Career Development Quarterly*, December: 89-101.
- HUSTON, A.C. (1982) *Sex typing and socialization*. Trabalho apresentado no Annual Meeting of the American Psychological Association (90th, Washington DC, August 23-27, 1982).
- KAHN, S.E. & LICHTY, J.M. (1987) The career plans of women. *International Journal for the Advancement of Counseling*, 10: 123-130.
- KEYS, D.E. (1985) Gender, sex roles and career decision making of certified managements accountants. *Sex Roles*, 13(1/2): 33-46.
- KIGER, G. (1984) Working women and their children. *Social Science Journal*, 21(4): 49-57.
- LASSANCE, M.C., SELBACH, V.S. & BYSTRONNSKI, B. (1989) Mulher e trabalho: a integração possível entre o público e o privado. *Psicologia: reflexão e crítica*, 4 (1/2): 32-42.
- MACCOBY, E.E. & JACKLIN, C.N. (1974) *The psychology of sex differences*. Stanford: Stanford University Press.
- MONEY, J. & TUCKER, P. (1981) *Os papéis sexuais*. São Paulo: Brasiliense.
- PRADO, D. (1979) *Ser esposa - A mais antiga profissão*. São Paulo: Brasiliense.
- ROSALDO, M.Z. & LAMPHERE, L. (Coord.) (1979) *A mulher, a cultura, a sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- STEINER, C. (1976) *Os papéis que vivemos na vida: a análise transacional de nossas interpretações cotidianas*. Rio de Janeiro: Artenova.
- WHITAKER, D. (1985) *A escolha da carreira*. São Paulo: Editora Moderna.